
Boi Que Vira Dinheiro E Padre Que Não É Padre: Fait Diver E A Crônica Da Vida Privada Na Revista Realidade (1966-1976).¹

Felipe BUZZI²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Na leitura de duas reportagens publicadas na década de 60 pela revista Realidade, reparamos que a testemunha dos repórteres esbarra em singularidades da vida privada de seus personagens. Através de uma narrativa literária e subversiva para a época, nos deparamos com o contraditório e com o inusitado, mas que faz parte de um Brasil desconhecido pelo editorial da revista. O presente artigo busca compreender se, no formato e no conteúdo das narrativas, há resquícios daquilo que Barthes (1964) definiu como *fait divers*, gênero jornalístico de caráter literário. Por isso, foi feito um levantamento bibliográfico para compreender a abrangência do gênero e sua assimilação no jornalismo feito a partir da década de 60. O artigo utilizou como objeto de análise duas reportagens publicadas na revista: “Milagre” (1968), de José Carlos Marão, e “Este Boi é Meu” (1967) de Roberto Freire.

PALAVRAS-CHAVE: fait diver; jornalismo literário; revista Realidade; cotidiano

INTRODUÇÃO

Um padre popularmente reconhecido como um fazedor de milagres, centro da atenção de milhares de fiéis aglomerados em Atibaia, interior paulista, é o protagonista de um perfil escrito na edição de junho de 1968 da revista Realidade. José Carlos Marão narra, através da reportagem-crônica — gênero característico da revista — um dia de consultas, promessas e curas milagrosas no sítio do Padre “que não é padre” Antônio Rosa. Pessoas com deficiências físicas, dores e cicatrizes distintas, acidentados e portadores de câncer aguardam por dias nas escadarias das capelas a chance de serem curados pelo famoso milagreiro — que até mesmo apareceu dando entrevistas na televisão da época. A linha fina antecede o título, escrito em letras garrafais:

O fazedor de milagres acontece de repente. Cego enxerga, paralítico anda, câncer tem cura. Muitos desses volta e meia aparecem pelo Brasil. Trazem com eles as mesmas histórias. Esta é a do milagreiro Antônio Rosa, que se diz padre, mas não é. Como todos os outros, explora a indústria da esperança. E falar dele é como falar de todos, pois todos começam a ter fama quando uma pessoa, impressionada por uma “cura”, grita pela primeira vez: MILAGRE! (REALIDADE, 1968, p. 91)

¹Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestrando do Curso de Jornalismo da UFSC-SC, email: lfelipebuzzi@gmail.com

A história é acompanhada por quatro fotografias de Jorge Butsuem que situam o leitor e confirmam o testemunho dos repórteres no local onde aconteceram os tais milagres. Uma delas, a primeira, ocupa uma página inteira: nela, temos a leitura de um sacerdote, vestido de sua batina, que estende as mãos em cima do telhado alto para centenas de fiéis ajoelhados em prece. O texto e as fotografias fazem parte de um conjunto de outras técnicas jornalísticas que dão credibilidade para a narrativa que, como a linha fina sugere, expõe a indústria da esperança, agitada por meio de personagens messiânicos. "História que se repete", como a reportagem sugere, em 1968.

Tal forma de texto, unido à fotografia, exemplifica o padrão estabelecido pela linha editorial da revista *Realidade*, que circulou por breves dez anos (1966-1976) durante a Ditadura Militar. A publicação priorizava histórias de um Brasil desconhecido por grande parte dos brasileiros (LEITE, VIEIRA, 2013). A revista foi consolidada pelos estudiosos de jornalismo como um marco para o jornalismo literário, nomeado muitas vezes de *new journalism*, “com textos leves, marcado por nuances de narratividade literária [...] construído por depoimentos diretos dos personagens, e fotografias que buscam um aprofundamento na realidade, além da liberdade criativa tanto da produção do texto, como para imagem”. (LEITE, VIEIRA, 2013, p. 173).

Segundo Leite e Vieira (2013), a *Realidade* surge em um contexto brasileiro onde a sociedade passava por diversas transformações históricas e a imprensa era alvo de censuras e perseguições impostas pelo regime militar. Havia nisso a demanda de criar um produto que fosse transgressor e novo, tanto na forma de seu conteúdo apresentado nas páginas da revista (texto, fotos e design) como no caráter de suas pautas que dialogavam com o interesse público inserido nas turbulências sociais da época (FARO, 1998).

Isto é, o caráter verticalizado adquirido pelas reportagens de *Realidade* guardou estreita relação com o discurso transgressor produzido em meados dos anos 60 e que abarcou, em sua formulação, a ordem dos valores burgueses conservadores, a ordem do Estado e a ordem da estrutura social (FARO, 1998, p. 04)

Uma outra reportagem, publicada em março de 1967, leva o leitor para outra realidade, distinta — apesar das similaridades brasileiras — do “padre que não é padre”. João é um magarefe, matador de bois, que mora com sua esposa, Rosa, e seus seis filhos, perto do Matadouro Municipal, em Feira de Santana, Bahia. Seu perfil é contado por uma narrativa detalhada, através de diálogos e pensamentos, com a técnica literária de Roberto Freire que testemunhou o trabalho de João e outros personagens a

partir das primeiras horas do dia. Ocupando duas páginas, a primeira foto de David Drew Zingg mostra um homem subindo em um boi que corre em alta velocidade. Em cima da fotografia, a linha fina antecede o título da reportagem-crônica:

Magarefe, em Feira de Santana, Bahia, é o homem forte e rude que vive de matar boi. João é um desses homens. Três dias por semana, ele pula ligeiro para dentro do curral do matadouro e, de faca na mão, grita: ESTE BOI É MEU. (REALIDADE, 1967, p. 50).

As duas reportagens partem de dois fatos distintos, de caráter humano da vida particular, ambientados no cotidiano dos personagens e diferente daquilo que é impresso no jornalismo diário das notícias. Por isso, as duas histórias são encaixadas também, neste artigo, no gênero definido por Barthes (1964) como *fait divers* e, apesar de ser considerado uma forma vulgar e sensacionalista do jornalismo e literatura, “renegado pelas elites intelectuais” (DION, 2007, p. 129), serão compreendidos como “exemplos expressivos da vida que se faz” (TROTSKY apud GENRO FILHO, 1987, p. 251) e, no entanto, matéria fundamental do jornalismo como forma de conhecimento cristalizada no singular (GENRO FILHO, 1987) para as massas populares.

O presente artigo propõe levantar questionamentos, e validar a pertinência deles, ao estudar o gênero *fait divers* para além das tradicionais colunas do jornalismo impresso que ele compõe. Partindo de uma revisão bibliográfica e consulta em acervos, busca-se, então, entender: a princípio, o que são *fait divers* e por que são relevantes para a elaboração de um conhecimento jornalístico destinado às massas populares?; o conceito definido por Barthes (1964) pode ser encontrado em outros gêneros do jornalismo, como nas reportagens-crônicas da revista *Realidade*?; através dos objetos de análise, podemos compreender que os *fait divers*, no sentido de serem imanentes e narradores do inusitado da vida privada, podem servir como ponto de partida na criação de um conhecimento jornalístico intimamente ligado à fenômenos singulares?

OBJETIVOS

Com base nos questionamentos levantados anteriormente, o artigo tem como objetivo propor uma reflexão contemporânea daquilo que Vogel (2008) propôs como a “sobrevida dos *fait divers*”, na possibilidade de integrar o gênero numa grande variedade de notícias de interesse humano, apoiadas pela forma livre, literária, que dialoga com a emoção dos leitores. Neste sentido, optou-se pelas reportagens da revista

Realidade, justamente por terem sido publicadas dentro de um contexto histórico onde o jornalismo literário, na época inovador, ocupou páginas de revistas, subvertendo a lógica formal das notícias e alterando, através de diversas técnicas, a forma do texto e da fotografia, aliada no processo de informação e impacto verossímil.

Além da reflexão proposta inicialmente, pretende-se aqui estabelecer uma relação histórica das publicações, no intuito de compreender a relevância do conteúdo da revista Realidade na construção de um conhecimento jornalístico único a partir do acontecimento específico. Para tal, vale ressaltar, que o artigo abre mão da leitura de que os *fait divers* são meramente um jargão jornalístico que representa o sensacionalismo e a baixa literatura, e aproxima-se da ideia de que o gênero é fundamental em abrir a vida particular, cotidiano, para o público leitor, e testemunhar os valores dominantes de uma determinada época (DION, 2007). Proposta alinhada com o conceito de que “a reprodução jornalística está intimamente ligada à realidade imediata” (GENRO FILHO, 1987, p. 248) cuja ideologia “está demarcada pela necessidade de manter certos laços com as manifestações objetivas dos fenômenos singulares” (GENRO FILHO, 1987, p. 248).

TESTEMUNHOS DO ESPANTO

Logo depois de introduzir o leitor por uma camada de referências simbólicas — a foto do padre com sua batina sobre os fiéis ajoelhados e, em letras garrafais, o título “Milagre” em alusão ao acontecimento fora do comum, inexplicável pela natureza — temos o abre da reportagem de José Carlos Marão.

Grandes curas houve mesmo, pelo dizer de boca em boca que correu por aqueles morros de Atibaia. Até do Rio de Janeiro veio gente, procurar o Padre Antônio Rosa, humilde sitiante mas bom curador e milagreiro, por força de abençoadas ervas e da fé em Santa Isabel, a santinha, no falar de seu devoto. (REALIDADE, 1968, p. 91)

Em seguida a reportagem segue situando o leitor no local onde os acontecimentos, no caso os milagres, as curas e as consultas, vão acontecer.

A fila sai da porta da capela das consultas, dá a volta na casa do bispo e estende-se por onde der e for necessário. O padre atende trinta de cada vez e os primeiros oitenta sempre se comprimem, no pátio. Nesse bolo de gente, um rapaz de Santo André explica: ‘Os médicos operam e matam. Diz que têm motivo, não sei, mas matam. É por isso que

Deus, de vez em quando, manda um homem como esse, como o Arigó³ e outros.’(REALIDADE, 1968, p. 93)

Adiante, o texto segue com a narrativa dos bastidores dos “milagres” e com uma série de relatos, obtidos por entrevistas, das pessoas que se aglomeravam ao redor da espera da cura. Alguns céticos, outros com louvores. Marão descreve, com devido ceticismo crítico, os detalhes dos acontecimentos através de um texto que une técnicas que residem no espectro entre o jornalismo e o conto literário. Através dos relatos e do testemunho, Freire traça um perfil do Padre, desmistificando-o no processo e informando o caráter de suas curas — fantásticas e mentirosas, ou práticas de medicina antiga, questionáveis cientificamente, com base em chás e ervas naturais para dor no estômago e câncer.

Em “Este Boi É Meu”, Freire narra, através do contraditório, as dúvidas em volta do trabalho árduo e precário de João, que vive de matar bois, apesar de admirar a vida.

João nunca visitou um frigorífico e, para ele, ser magarefe é profissão como qualquer outra. Mas alguma coisa dentro dele, lá no fundo, não concorda com isso. Porque João gosta da vida e sabe — inconscientemente, pelo menos — que sua profissão é matar. (REALIDADE, 1967, p. 53)

A reportagem de Freire é contada de forma semelhante à de Marão, e une sensações humanas como medo, morte, dinheiro e religião, através da testemunha do repórter e do relato das personagens que circulam o matadouro em Feira de Santana, Bahia.

No matadouro, para o magarefe João, boi vira dinheiro — três mil cruzeiros cada um que ele consegue matar. [...] João senta-se sobre a cerca, observando o jeito do seu boi. ‘Veio correndo, pensando em comida para ele, mas vai morrer para me dar o que comer.’ [...] O cheiro quente sobe no ar, penetra nas narinas de João. Na primeira vez sentiu náuseas. Hoje, no trabalho, sangue para ele tem perfume — significa dinheiro. (REALIDADE, 1967, p. 55)

Em ‘Milagre’, os referenciais simbólicos são narrados por Marão através do contraditório, recurso vivo durante toda narrativa, e pela transgressão e desmistificação do Padre, símbolo de um heroísmo messiânico envolvido pela crença popular e religião.

Todos esses elementos são comuns em fait divers que ocupam os jornais diários,

³O rapaz de Santo André, citado na reportagem, se refere ao médium José Arigó, que viveu em Congonhas no século XX e desenvolveu atividades espirituais por mais de 20 anos na cidade. *Correio Braziliense*. <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/19/interna_diversao_arte.660722/filme-sobre-o-medium-jose-arigo.shtml> Acessado em 15/08/2023.

porque fazem parte daquilo que espanta e são dramas específicos da vida privada das pessoas (DION, 2007). Para Barthes (1964), o inexplicável contido no fait divers, neste caso o milagre, está relacionado em “duas categorias de fatos: os prodígios e os crimes” (BARTHES, 1964, p. 03). É a partir deste espanto que o repórter conduz a narrativa, a fim de revelar a transgressão de um símbolo religioso. Tal efeito é definido por Barthes (1964) como “espanto fundamental”, elemento característico dos fait divers e oriundos de sua relação com a causalidade. Segundo ele “não há fait divers sem espanto (escrever é espantar-se)” (BARTHES, 1964, p. 02)

O fait divers nos diz que o homem está sempre ligado a outra coisa, que a natureza é cheia de ecos, de relações e de movimentos; mas, por outro lado, essa mesma causalidade é constantemente minada por forças que lhe escapam; perturbada sem entretanto desaparecer, ela fica de certo modo suspensa entre o racional e o desconhecido, oferecida a um espanto fundamental; distante de seu efeito (e é isto, no fait divers, a própria essência do notável), a causa aparece fatalmente penetrada por uma força estranha: o acaso; no fait divers, toda causalidade é suspeita de acaso. (BARTHES, 1964, p. 04)

O contraditório presente em ambas reportagens, como o “magarefe que ama a vida, mas sabe que sua profissão é matar” ou na descrença da medicina “que opera e mata, por isso precisa de um enviado de Deus operar milagres”, revela outra característica dos fait divers relacionada ao que é coincidente, a aproximação entre duas coisas opostas, antítese, no caso: morte e vida, ciência e religião. Para Barthes (1964), o fait divers como gênero narrativo se posiciona a fim de suprimir a distância entre estes opostos, se referenciando ao mistério face à objetividade e verdade científica, ou seja, os fait divers “sustentam a ambiguidade entre o racional e o irracional, entre o inteligível e o ininteligível.” (DION, 2007, p. 130).

Além destes elementos apresentados, o espanto com o inexplicável e o encontro entre o contraditório, a forma e o conteúdo das reportagens se unem por suas linguagens acessíveis, escritas com as liberdades literárias do conto e da crônica, sobre acontecimentos específicos da vida cotidiana privada. Aqui há, no entanto, mais um encontro das reportagens com as características que definem o fait divers, principalmente se o compreendermos como dramas verídicos da vida privada, escritos de forma familiar e que proporcionam uma ilusão de proximidade entre o leitor e os acontecimentos através da fotografia e outras técnicas (DION, 2007).

Ao partirmos da premissa histórica, apresentada anteriormente, de que as reportagens publicadas na revista Realidade possuem o objetivo editorial de narrar o “Brasil desconhecido” — e subverter, no processo, as próprias formas do jornalismo

tradicional —, fica claro o intuito das publicações em explorar a vida privada em diversos cantos do país. É a partir deste encontro com o específico, e inusitado, muitas vezes fantástico, que as reportagens são construídas, a fim de gerar um conhecimento que alimente a opinião pública acerca de assuntos que orbitam no cotidiano das pessoas. Por isso, é possível supor que tanto as reportagens e os fait divers estão conectados ao romperem com algumas estruturas próprias do jornalismo.

Dentro das quatro funções sociais chave que Fontcuberta (ibidem: 28-30) aponta para o jornalismo (informar, formar, distrair e tematizar), o fait divers parece conjugar, enfaticamente, as três últimas. Forma, na medida em que põe em circulação referenciais simbólicos que mobilizam noções como os de papéis sociais e relações do cotidiano; distrai, como elemento próprio do que é desvio; e tematiza, porque inscreve os temas na agenda da opinião pública. (VOGEL, 2008, p. 142)

Vale ainda acrescentar, por fim, que os objetos de análise foram selecionados, através da consulta em acervos, como veremos adiante, justamente por abordarem temas atemporais e que ainda podem estar em debate na esfera pública. A resistência ao tempo dos fatos e os contraditórios subjetivos, vida e morte, fé e religião, são características imanes da vida humana e, no entanto, interesse narrativo dos fait divers — que são, por conceito, imanes, seletivos e repetitivos (DION, 2007) — e das reportagens da revista Realidade.

METODOLOGIA

Mais adiante ainda veremos quais leituras fundamentaram a construção deste artigo, porém, aqui, cabe especificar de que forma o interesse pelo tema foi levantado e como, a partir do levantamento bibliográfico como método, foram levantadas as questões e a proposta de reflexão sobre o conteúdo em si. Vale ainda, a princípio, relatar a dificuldade inicial em unir os objetos de análise com o conceito central do artigo, fait divers, que, apesar de uma vasta literatura sobre, pouco se ateu ao conteúdo da revista Realidade. Validar os questionamentos propostos pela pesquisa, preocupação inicial do artigo, só foi possível através da leitura de outras pesquisas previamente feitas acerca do objeto de análise e do conceito.

Ao ter de encontro o conceito de fait divers, imediatamente relacionado na coberturas de fatos cotidianos e específicos, muitas vezes indizíveis ou inusitados, no deparamos com uma forma de jornalismo muitas vezes desqualificado pela elite

intelectual por não tratar de temas fundamentais para a esfera pública, como política e conflitos sociais. Tal forma é caracterizada como sensacionalista ou desproporcional por abordar emoções e dramas da vida privada, visto que isso escapa da idealização do jornalismo imparcial e da ciência objetiva, e se aproxima das sensações humanas. A estrutura do *fait divers* e as transgressões das reportagens publicadas na revista *Realidade* revelam, no entanto, um caráter subjetivo, dentro de uma forma alternativa, de gerar conhecimento através do jornalismo — como revelamos anteriormente, é a partir do fato específico e inusitado, *fait divers*, que as reportagens da *Realidade* alimentam e exploram debates fundamentais e atemporais na esfera pública.

Por isso, o presente artigo optou em delimitar o objeto de estudo e a reflexão inicial a partir do levantamento de uma bibliografia acerca dos temas, a fim de compreender quais são as discussões em volta do assunto e estabelecer um paralelo entre conceito e objeto de análise. O método selecionado se encaixa no que Stumpf (2015) define como pesquisa bibliográfica, cujo intuito é “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” (LAKATOS, MARKONI apud STUMPF, 2015, p.54).

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2015, p.51)

A aplicação do método se deu desde a identificação do tema até a transcrição do conteúdo no artigo, evidenciando assim o pensamento dos autores que estudaram o conceito de *fait divers* a partir de Barthes (1964), reconhecido como um dos primeiros teóricos a se interessar pela estrutura narrativa do gênero (DION, 2007). A leitura do ensaio “Structures du *fait divers*”, publicado originalmente em Paris, em 1964, foi fundamental para dar base ao entendimento do conceito e obter os primeiros tópicos que foram levantados no artigo, como veremos adiante.

Além de obter informações e discursos que circulam o tema, o levantamento bibliográfico também se preocupou em delimitar o tema a partir de um período, especificado na escolha do objeto de análise — reportagens publicadas na revista *Realidade* — que coincidem com o período de publicação do ensaio de Barthes, na década de 60. Tal delimitação é determinada por Stumpf (2015) como fundamental para a aplicação coesa do método. Dessa forma, seguindo as orientações do método proposto

pela autora, foi possível identificar os itens de interesse e delimitar leituras essenciais para a reflexão, como veremos a seguir na revisão sistemática.

REVISÃO SISTEMÁTICA

Na década de 60, período em que foram publicadas as reportagens da revista *Realidade*, Barthes escreveu o ensaio “a estrutura dos fait divers”, cuja proposta era compreender e dissecar o gênero no contexto de suas publicações em jornais diários. No artigo, Barthes separa e sistematiza os elementos que constituem a narrativa dos fait divers, desde a sua forma e conteúdo, até suas relações iminentes, causalidade e coincidência. Por este motivo, Barthes é considerado um dos primeiros teóricos a estudar o gênero e abrir a conversa para estudos acadêmicos e intelectuais, como disserta Dion (2007). É a partir de Barthes que o artigo reconhece o recorte dos fait divers como gênero jornalístico que faz parte da cultura das massas.

Reconhecendo-o como gênero jornalístico, Dion (2007) estabelece um panorama histórico de sua existência e o relaciona com outros autores que se preocuparam em compreendê-lo como elemento jornalístico que reside no espectro entre o cotidiano, factual, noticioso, e literatura. Em Dion, o recorte da cultura de massa retorna e levanta o questionamento que foi fundamental para a elaboração deste artigo: a ideia de que os fait divers são, de alguma forma, renegados pela elite intelectual, justamente por estarem de encontro com a vida privada e dramática das pessoas (DION, 2007). Na análise da autora, encontramos o conceito de “ilusão da proximidade” contida no gênero, influenciada pela fotografia e outros aparatos técnicos para dar credibilidade e aproximar o leitor com a notícia. Com esta relação, foi possível estabelecer um vínculo com os objetos de análise do artigo.

Vogel (2008) fundamentou o argumento reflexivo do artigo de que os fait divers estão assimilados na cultura do jornalismo e, no entanto, sobrevivem e permeiam em outros gêneros do meio, como reportagens televisivas e, no caso, as da revista *Realidade* — ideia proposta aqui. É nisso que surge o primeiro questionamento da pesquisa: reportagens crônicas publicadas em outros veículos de imprensa poderiam conter elementos do fait divers? Em Vogel, é possível ter outra interpretação dos fait divers, não restringindo o gênero apenas em colunas de jornais diários e o reconhecendo como fundamental ao integrar o jornalismo voltado para o interesse humano.

O fait diver poderia, assim, integrar a grande variedade das notícias de interesse humano, que apelam fundamentalmente à emotividade do leitor (ibidem: 69) e que dispõem de maior liberdade em termos formais. (VOGEL, 2008, p. 141)

Ao propor duas reportagens da revista Realidade como objetos de análise, justamente por seu caráter subversivo e literário, o artigo sentiu a necessidade de apresentar um panorama histórico, fundamental para situar a análise dentro de um recorte específico, já levando em consideração a característica imanente e atemporal dos fait divers. Para tal, foi feita uma consulta no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira⁴, junto com um fichamento das reportagens, proposto pelo método de levantamento bibliográfico, citado anteriormente. O levantamento histórico se deu pela leitura de Leite e Vieira (2013) e Faro (1998), justamente por contextualizarem a publicação do periódico e sua influência subversiva no jornalismo em determinado contexto político e social. É a partir de Faro (1998) que compreendemos as transgressões em comum entre o jornalismo proposto no editorial da revista com aquilo que é característico dos fait divers.

O que permeia filosoficamente o artigo, é o conceito de que o jornalismo, como forma de conhecimento, é cristalizado no singular (específico), defendido por Genro Filho (1987) em sua dissertação para a Universidade Federal de Santa Catarina. Partimos, aqui, no pressuposto de que o conhecimento produzido por veículos de jornalismo dialogam com as massas populares através dos acontecimento que orbita no específico e pode fomentar, desta forma, em discursos que dão sentido para a vida humana. É, aqui, onde reside o fait diver e o centro do olhar proposto pela revista Realidade no contexto de Ditadura Militar.

CONCLUSÃO

Não caberia neste artigo definir as reportagens da revista Realidade como exclusivas do gênero fait diver, justamente pelas especificidades em que se dão as publicações e o seu formato distinto daquilo que Barthes (1964) define inicialmente. No entanto, se voltarmos para os questionamentos iniciais do artigo, podemos, a partir do que foi exposto, analisar como que o acontecimento singular é ponto de partida nas

⁴Disponível no site da Biblioteca Nacional Digital: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>. Acesso em: 15/08/2023.

reportagens, intimamente ligadas ao fato miúdo e privado. É a partir deste olhar voltado para o singular, neste caso acontecimentos inusitados, que os repórteres constroem a narrativa para o público e assimilam a informação dentro de um contexto mais abrangente, possibilitando a assimilação e identificação dos leitores com aquilo que está sendo narrado.

Reconhecer que os *fait divers* estão assimilados no jornalismo e permeiam outros gêneros do meio, pode fornecer uma alternativa no exercício profissional e fomentar técnicas de produção de reportagens que partem de um olhar voltado para as especificidades da vida privada, pois é nela onde esbarramos com as questões sociais e vivências que fazem sentido para a massa leitora, a qual o jornalismo pretende se comunicar. Os exemplos citados ao longo do artigo apontam para isso: a testemunha crítica, junto com o trabalho jornalístico próprio dos repórteres (pesquisa, entrevistas, fotografias), gerou um conhecimento que ultrapassa o seu valor jornalístico factual e corresponde atualmente discussões que ainda fazem parte da vida cotidiana e podem nunca deixar de fazer.

“A vida que se faz” que Trotsky comenta, ao ser citado por Genro Filho, está na singularidade humana. O jornalismo tradicional opera de forma em que a objetividade imparcial se sobressaia sobre as emoções dos acontecimentos e do próprio testemunho de quem o narra. Ao se opor a esta fórmula, a revista *Realidade* e os *fait divers* — ainda adiciono a crônica aqui — elaboram uma forma de conhecimento que permanece no tempo e informa ao mesmo tempo que diverte, entretém e alimenta o debate público. É desta forma que criamos um vínculo com João e seu trabalho, enquanto somos cativados pela contradição dos milagres do Padre Rosa, personagens de um Brasil que existiu na década de 60 e ainda persistem em nossa história.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R., **Structure du fait divers**, Essais critiques. Paris: Seuil, 1966.

DION, Sylvie. **O “fait divers” como gênero narrativo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras - UFSM, Santa Maria, n. 34, p. 123-124, 2007. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/2314>. Acesso em: 15/08/2023.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: (para uma Teoria Marxista do Jornalismo)**. 1987. 276 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75390>. Acesso em: 15/08/2023.

LEITE, Marcelo Eduardo; SILVA, Carla Adelina Craveiro; VIEIRA, Leylianne Alves. **Realidade: O fotojornalismo (autoral) de uma revista**. 2013. Disponível em: <http://realidade.ufca.edu.br/>. Acesso em: 15/08/2023.

LEITE, Marcelo Eduardo; VIEIRA, Leylianne Alves. **“O Brasil nas páginas da Realidade”**. In: Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), v. 2, n. 1, p. 167-175, 2013. Disponível em: <http://www.unicentro.br/rbhm/ed03/artigos/07.pdf>. Acesso em: 15/08/2023.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica [p. 51-61] In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 8. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

VOGEL, Daisi. **A sobrevida dos fait divers**. Revista Contracampo - Brazilian Journal of Communication, Niterói, n. 18, p. 135-148, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17466/11102>. Acesso em: 15/08/2023.

Fontes

Hemeroteca Digital Brasileira

Realidade, São Paulo, n. 12, p. 55-58, março, 1967. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>. Acesso em: 15/08/2023

Realidade, São Paulo, n. 27, p. 90-98, junho, 1968. Disponível em:
<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>. Acesso em: 15/08/2023.

Correio Braziliense, Brasília, fevereiro, 2018. Disponível em:
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/19/interna_diversao_arte.660722/filme-sobre-o-medium-jose-arigo.shtml. Acesso em:
15/08/2023